

ESCRITOS POLÍTICOS DO ROMANTISMO ALEMÃO

Vamireh Chacon
Universidade de Brasília

Já tardava uma antologia do pensamento político dos românticos alemães. Tanto melhor que seja um não-alemão, Frederick C. Beiser, professor da Universidade de Indiana, que o haja tentado. Os alemães adquiriram um pudor às vezes excessivo em relação ao seu próprio passado, em especial àquele que, mesmo indiretamente, desembocou no nazismo. Nisso é válida a observação de Lukács no seu livro *A destruição da razão* (assim em alemão, talvez melhor traduzível livremente como *O suicídio da razão*): no romantismo da Alemanha está outra etapa dos acertos e desacertos da sua cultura, remontando até à passionalidade e ao nacionalismo de Lutero. Porque, já o demonstrou tão bem Hegel, a História da Liberdade não se fez em linha reta; mas as paixões tendem a se anular e do seu interno conflito pode brotar a razoabilidade. Seria desse modo melhor descontar o otimismo hegeliano.

Beiser escolheu três grandes românticos para a genealogia: Novalis, Friedrich Schlegel (não o irmão August, mais tradutor que criativo) e Schleiermacher. Evidentemente a lista está longe de ser exaustiva: poderíamos acrescentar-lhe Hoelderlin, tão germânico por trás do helenismo, Kleist mais declaradamente nacionalista, e inúmeros românticos menores. Na realidade, o romantismo alemão foi tão, ou mais, politizado e politizante que o iluminismo mais conhecido; sobre o romantismo principalmente alemão havia o anterior desconhecimento político dos não-alemães, em seguida a desconfiança senão hostilidade trazida pelo ataque lukacseano.

Além do mais, existe a pergunta: só foram românticos políticos, poetas do nível de Novalis, críticos de idéias do porte de Friedrich Schlegel, e teólogos assim como Schleiermacher? Hegel, Fichte e Schelling não eram também românticos?

Beiser, na “Introdução”, reconhece a influência do nacionalismo de Lutero nos românticos, tende a acentuar o livre pensamento panteísta e igualitário de Spinoza, mas subestima a admiração de Novalis e Friedrich Schlegel pelo catolicismo político (este Schlegel chegou a converter-se militantemente à Igreja Católica), tendência que alinhará uma série de tardios românticos católicos renanos, bávaros e austríacos (Genz e outros). O que eles mais admiravam no Papado era a seqüência e a coerência dogmáticas, exemplo a ser adotado numa mobilização espiritual nacional alemã.

Novalis-Friedrich Schlegel-Schleiermacher/Hegel-Fichte-Schelling nada tinham de liberais clássicos: Hegel, apesar de adepto da monarquia constitucional, desprezava o formalismo constitucionalista inglês, preferia ver na sociedade civil uma base do Estado, sua suprema realização, sua consumação. Por outro lado, também não se pode concluir terem eles sido meros autoritários. O pensamento deles, muito mais profundo e vasto, ultrapassa os simplismos destas antinomias. Todos eles eram radicalmente alemães da respectiva época, a romântica. Romantismo definível mais amplamente como reação da hegemonia do sentimento contra a anterior hegemonia da razão do Iluminismo, apesar de tanta interpenetração dos dois movimentos em neo-iluminismos e neo-romantismos.

Na vertente oposta ao nacionalismo cultural, temos não só Heine, tão democrata e radical e internacionalista de alemão só nos sentimentos, ainda mais Wilhelm von Humboldt, irmão do Alexander naturalista e viajante à América do Sul, aquele Humboldt mais humanista clássico e um dos pioneiros defensores de um Estado mais enxuto, mais eficiente, em textos de grande objetividade profética.

Enfim, a língua inglesa de tanta universal divulgação se enriquece com esta antologia, mesmo limitada, urgindo uma tradução também em português. O romantismo alemão, apesar de tanto idealismo, ou até por isso mesmo, projetou-se da Literatura e da Filosofia na Política.

THE EARLY POLITICAL WRITINGS OF THE GERMAN ROMANTICS

Vamireh Chacon é Professor Titular de Ciência Política (UnB) e Diretor do Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da UnB.

* * *